



# Liberdade de escolha e qualidade do ensino

## Debate Sistema educativo Eugénio Viassa Monteiro

**C**hama a atenção que tanto regimes de cariz totalitário como os outros, democráticos, queiram ter idêntico controlo do ensino. Sabemos como foi com Salazar, mas o mesmo se dá com todos os regimes posteriores. Apesar do apreço teórico, nunca houve um impulso sério ao ensino privado, criando condições para uma real liberdade de escolher. Houve, apenas um tolerar...

Uma observação atenta aos níveis básico e secundário do ensino, nas zonas pobres das grandes cidades, em quaisquer latitudes da terra, não deixa dúvidas de que o ensino público é sempre preterido, pelos pais das crianças, ao ensino privado, ainda que este se dê em instalações más. Este é feito com paixão, e mesmo com compaixão, com elevada dedicação docente e, por isso, com muito bom aproveitamento dos alunos. Nos níveis etários mais baixos é onde a dedicação dos professores, como educadores, é mais valiosa e eficaz.

Há uns tempos, o *Financial Times* trazia um artigo "A corrida dos pais para inscreverem os filhos nas escolas privadas *low-cost*", na África do Sul. Dizia que o 'mau estado do ensino tinha originado forte crescimento das escolas *low-cost* privadas. E estas possibilitavam que os mais pobres chegassem à elite estudantil'.

Em 2009 o Cato Institute, de Washington, editou um livro bem documentado, de James Tooley, intitulado *The Beautiful Tree*. Com uma investigação aturada nos continentes asiático, africano e americano, sobre por que os pais pobres, a viverem em bairros de lata, faziam sacrifícios para mandar os filhos às escolas privadas *low-cost*, com instalações más, pagando, quando bem perto tinham alternativas de os mandar para a escola pública, gratuita, com boas instalações, e professores diplomados.

Na Índia, segundo Tooley, os burocratas do ministério estavam firmemente convencidos de que os 'pobres ou vão às escolas oficiais, ou não querem que os filhos estudem'... porque 'só os ricos mandam os filhos às escolas privadas'. E foi difícil que se rendessem à 'dura' evidência: de que os mais pobres preferiam de longe as privadas, nem sequer com as aprovações oficiais, em instalações precárias, com professores sem diplomas apropriados e mal pagos; não porque lhes agradasse mal-gastar, mas porque viam que os seus filhos **de facto aprendiam**. Essas escolas tinham "dono" e os pais, mesmo analfabetos, viam a alegria e a evolução dos seus filhos. Nas escolas oficiais, reinava o absentismo, a indiferença, fraca dedicação, em suma, mau ensino.

E um cidadão pergunta-se: porque não se



põe ordem no sistema, criando condições para haver liberdade real de escolha? Seria benéfico para o ensino, pois melhoraria por via da competição e da liberdade de escolher a melhor escola. Quando se quer impor ideias únicas, a tentação de "controlar" é igual tanto nos regimes totalitários como nos democráticos. Porque se quer formatar todas as mentes juvenis na uniformidade impingida pela doutrinação do partido ou da ideologia!

A Índia passou 40 anos no "socialismo" estagnante, quando um mínimo de seriedade intelectual deveria levar a abandonar antes de completar cinco anos... Apesar disso, felizmente, houve bom senso – que tanta falta faz – de criar um "jogo" com regras "quase-equitativas" no ensino:



**Ao pensar-se em como ter um bom ensino, ao menor custo, a crise pode ser de grande ajuda**



Nas escolas privadas "aprovadas", o Estado paga os encargos com o pessoal; e daí terem proliferado escolas privadas que tomaram grande peso nos ensinos básico, secundário e também no superior. Isto foi um enorme bem para o País: fez crescer a escolaridade em geral, exonerando o Estado de fortes encargos, sobretudo com as construções escolares, ao mesmo tempo que o ensino melhorou muito em qualidade. Estamos a presenciar os seus frutos em todo o mundo. E ainda é só o começo!

Ao pensar-se sem preconceitos em como ter um bom ensino, ao menor custo, a crise pode ser de grande ajuda. Dever-se-ia apoiar e empurrar as escolas eficientes e de melhores resultados a fazerem muito mais, quer fossem públicas ou privadas. E criar a possibilidade de os pais poderem mandar os filhos à escola mais desejada, sem terem de gastar demasiado, se preferem uma escola privada. Haverá coragem para tal?

**Professor da AESE. Autor do Livro O Despertar da Índia**